



Title	100 anos da presença japonesa no Brasil. : Imigração e intercâmbio
Author(s)	Magalhães, Torres Fernanda
Citation	ブラジル研究. 2008, 3, p. 39-55
Version Type	VoR
URL	https://doi.org/10.18910/106440
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

100 anos da presença japonesa no Brasil. Imigração e intercâmbio

Fernanda Torres Magalhães

“Somos a caravela que ancorou no paraíso ou na desgraça da selva, somos a bandeira estacada na fazenda.”
Oswald de Andrade

A imprensa vive do modismo. E o alimenta também. Vive da informação da hora, do momento; daquela notícia que tem um grande potencial de venda.

Brasil, ano de 2008. Um novo ano se iniciou com notícias velhas: corrupção, violência e a esperança do brasileiro em um ano melhor. Mas neste ano, um assunto já mostrou que se destacará e tem se revelado ser a grande vedete do primeiro semestre: um século de presença japonesa no Brasil.

De um momento para o outro, surgiram milhares de especialistas no assunto, que saiu da esfera acadêmica e das comunidades nipo-brasileiras, passando a circular com grande naturalidade nos bate-papos informais da população. Tema de notícia do telejornal noturno, cai na “boca do povo”. É o ano do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil.

O assunto ganhou um *lugar ao sol* no grande circo midiático. Todos querem mostrar que dominam o assunto, e nunca no Brasil tinha se discutido e falado tanto em Japão, *dekassegui* e imigração como agora, no ano do seu centenário.

A simpatia pelo tema é também uma forma de reconhecimento pelos mais de 1 milhão de descendentes de

japoneses no Brasil. Eles fazem parte de uma história que se iniciou há um século: uma história de sonhos, dificuldades e adaptação.

A revista *VEJA*, um veículo de informação com uma grande tiragem semanal, publicou em dezembro de 2007 um número especial com mais de 40 páginas sobre o assunto. De modo introdutório, revela os motivos que fizeram os japoneses se tornarem imigrantes no Brasil; bem como histórias de vida daqueles que trocaram o Japão pelos trópicos. O periódico também se mostrou preocupado em relatar o movimento contrário do fluxo migratório, com o objetivo de dar visibilidade ao polêmico fenômeno conhecido como *dekassegui*. Tenta, mesmo que minimizando muitos aspectos essenciais, retratar a realidade atual do imigrante brasileiro no Japão, seus sonhos e dificuldades, ou seja, retratando o cotidiano de um *dekassegui* na terra de seus ancestrais.¹



No website da versão online de um dos jornais mais lidos no sudeste brasileiro, o jornal *Folha de S. Paulo*, realizei um levantamento do número de entradas para o termo “Centenário da Imigração Japonesa”: nada menos do que 60 ocorrências até o início de fevereiro de 2008, sendo que somente há pouco tempo teve início oficialmente o ano de celebração do intercâmbio-imigração² entre Brasil e Japão. De um modo geral, os artigos são notícias sobre eventos; opiniões sobre o assunto em si; discussões com especialistas; bem como depoimentos de *isseis*, *nisseis* ou *sanseis*.

O criador dos famosos quadrinhos da *Turma da Mônica*, o desenhista Maurício de Sousa, fez também uma homenagem ao

criar um personagem nipo-brasileiro, elemento raro nos quadrinhos feitos no Brasil: aparece em cena “Tikara”, que acabou se transformando no mascote das comemorações do Centenário.



Nos aclamados desfiles carnavalescos, neste ano também foi a vez das Escolas de Samba do Grupo Especial de São Paulo e do Rio de Janeiro, homenagearem os japoneses, mostrando nos seus glamourosos desfiles, personagens e mitos ligados à cultura e tradição japonesa.

Em São Paulo, a escola *Unidos de Vila Maria* teve como título do seu samba enredo “*Irashai-masê, Milênios de Cultura e Sabedoria no Centenário da Imigração Japonesa*”.

No Rio de Janeiro, a escola *Unidos de Porto da Pedra* fez do seu samba enredo um verdadeiro retrato da integração entre duas diferentes culturas, com seu bem-humorado “*Tem pagode no Maru – 100 anos de imigração japonesa no Brasil.*”



Entre alegorias de *geishas*, *samurais* e elementos do teatro *kabuki*, essas escolas levaram para o público um pouco do universo japonês - ou seria melhor frisar - um pouco da *versão brasileira* do universo japonês. Nenhuma das duas escolas de samba ganhou o prêmio de melhor do carnaval de 2008. Mas cumpriram um papel importante: dar valor e visibilidade aos japoneses e sua cultura, que tiveram –e ainda tem - um papel importante dentro da construção da nação brasileira.

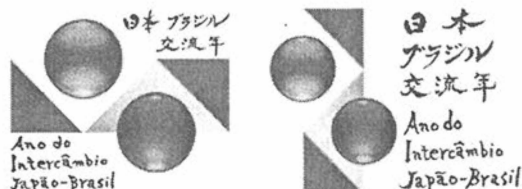
Os jornais japoneses como o *Asahi Shimbun*; *Daily Yomiuri* e *Mainichi Shimbun*, fizeram menção ao fato das escolas de samba brasileiras terem homenageado o Japão na sua festa mais popular. O *Daily Yomiuri* (04/02/2008), teve como uma das manchetes: *Samba com paixão pela imigração*. A reportagem relatou que os brasileiros e nipo-brasileiros, ao sambarem juntos, representou a amizade que há entre os japoneses e brasileiros. Uma imigrante de 64 anos foi entrevistada pelo jornal e fez uma declaração emocionada:

*“Eu dancei para mostrar meu agradecimento aos brasileiros. Eles me ajudaram quando eu não entendia o português”.*³

Jornais voltados para a comunidade brasileira no Japão vêm tratando do assunto “centenário” com grande esmero, fazendo com que a atuação e o intercâmbio entre a comunidade ganhe mais visibilidade, entre os próprios brasileiros. Inúmeros *websites* foram criados com o “selo” do centenário. Esses espaços acabam funcionando também como pontos de encontro de relatos e experiências de vida, importantes para dar voz e força à oralidade e à história.

Podemos observar, diante de todas as informações disponíveis, um fato curioso: no Brasil a imprensa escreve e fala sobre o passado, sobre a história de vida dos imigrantes, lembrando as dificuldades que os mesmos passaram com as péssimas e enganosas condições de trabalho. No Japão, se frisa muito mais os próximos cem anos do que os passados. Para o país, lembrar de uma época em que era necessário estimular a saída de compatriotas para a “salvação” do país pode não ser motivo de tanto orgulho. E percebemos isso pela sutileza do *slogan* utilizado

no país com expressões como “ano do intercâmbio Japão-Brasil” e “Brasil-Japão, um novo centenário começa agora.”



Relembrar, em forma de comemoração, o centenário da imigração japonesa para o Brasil, ou mesmo discutir as possibilidades de intercâmbio entre os dois países é algo de extrema valia. Inegavelmente, falar sobre o assunto gera reflexões não somente sobre a história passada, mas também sobre os caminhos que ambos os países estão trilhando, no sentido de “olhar” para aqueles que hoje fazem parte de uma continuação daquela história iniciada há um século: os descendentes nipo-brasileiros e seu papel hoje na sociedade japonesa e brasileira.

Mas, antes de mais nada, pensar e refletir sobre o centenário da presença japonesa no Brasil é valorizar a inegável contribuição de tal povo à sociedade brasileira e a importância do legado japonês – particular e único - para a construção do Brasil.

O Brasil como “paraíso” terrestre. Era isso que os japoneses buscavam?

Os relatos de viajantes, desde a época da chegada dos portugueses ao Brasil no século XVI, em suas “literaturas de viagens”, criaram impressões acerca do Brasil como uma espécie de paraíso. O olhar estrangeiro de estranhamento ao homem dos trópicos, realçava uma imagem de alteridade, com valores que refletiam a oposição *velho mundo x novo mundo*.

No século XIX, a mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, fez com que os viajantes estrangeiros elaborassem seus

relatos com teor mais científico do que literário. Era a *era das expedições artísticas e científicas*, responsáveis em “estudar” e “observar” o diferente homem dos trópicos. Inegável a importância de nomes como Debret e Rugendas, que com seus desenhos e pinturas, criaram polêmicas e discutidas imagens acerca do “outro”.

Um século depois, o Brasil ainda se vê rodeado por conceitos que parecem ter sido fabricados por esses mesmos viajantes. Ainda hoje, a paisagem brasileira é considerada exótica, bem como a sua gente. Os jornais estrangeiros, ao estampar notícias a respeito do Brasil, não tardam ao mostrar imagens carregadas de conceitos que foram alimentados muitas vezes por tais viajantes.

No Japão, podemos dizer que uma imagem do Brasil começou a ser desenhada desde o momento em que aparecem as primeiras impressões sobre o país em jornais japoneses no século XIX, motivada principalmente pela necessidade de envio de uma massa imigratória àquele país. A idéia de *paraíso* tropical, terra de fartura, era uma fórmula bem-sucedida para atrair aqueles que buscavam uma alternativa aos problemas enfrentados no Japão no início do século XX.

O começo: o papel da mídia na fabricação de sonhos.

Os japoneses que foram ao Brasil buscavam o que não podiam ter na sua própria terra, que na época estava em grande crise econômica: prosperidade. Mas antes de irem rumo aos trópicos, os imigrantes japoneses tiveram como destino países como os Estados Unidos e o Havai, na segunda metade do século XIX. As condições de trabalho nada satisfatórias e empregadores inescrupulosos fizeram com que os japoneses fossem “resgatados” pelo seu próprio governo, resultando na criação da Lei de Proteção ao Emigrante⁴, em 1896. Apesar disso, a imigração aos Estados

Unidos continuou, até quando aquele país muda a sua política migratória, afetando principalmente os de origem asiática.

O governo japonês, com isso, busca novos destinos para os seus emigrantes. Nesse momento, países da América do Sul, como o Brasil e Peru, se transformam em locais “populares” entre os japoneses⁵.

A necessidade de trabalhadores para as lavouras no Brasil no final do século XIX já era premente, devido a proibição do trabalho escravo. Alemães e italianos foram os primeiros a assumirem os postos de trabalho como imigrantes, mas as condições de trabalho no Brasil, assim como nos Estados Unidos, não se mostraram nada satisfatórias, fazendo com que a Alemanha e Itália interrompessem o fluxo de imigrantes para lá. Foi nesse momento que os japoneses entraram em cena. O Brasil, precisando de mão-de-obra, abriu suas portas para os japoneses⁶, tendo que realizar uma mudança na sua própria política migratória.

Mas como convencer os japoneses de que imigrar para o Brasil seria diferente do fracassado plano de emigração aos Estados Unidos e Havai? O fantasma das péssimas condições de trabalho no estrangeiro assustava os imigrantes, e o temor de encontrar as mesmas condições de trabalho no Brasil era real. Assim, as agências de imigração tiveram um papel importante em alimentar a idéia de que o Brasil seria um lugar ideal para a concretização dos sonhos. Tudo isso muito bem alimentado por uma propaganda intensiva sobre as “maravilhas dos trópicos”: um lugar de fartura, temperatura amena, com possibilidades de ganhos rápidos que garantiriam o retorno ao Japão num curto período de tempo.

Num relatório enviado em 1905 pelo então Ministro Plenipotenciário do Japão no Brasil, sr. Sugimura, percebemos que o ministro enxergava o Brasil como uma via para sanar o problema de excedente demográfico no Japão, um dos grandes problemas no início do século XX:

“Em consequência da suspensão da migração de colonos italianos, o Estado de São Paulo está fazendo face a uma profunda falta de braços. Tanto o govêrno do Estado de São Paulo como os fazendeiros

em geral, estão interessados em receber nossos trabalhadores. Acredito, por conseguinte, que a introdução de nossos imigrantes nesse Estado seria muito mais interessante e preferível a mandar para os Estados Unidos, onde avultam as perseguições. Naturalmente, as despesas de viagem seriam mais dispendiosas em comparação àquele país, devido à grande distância. Felizmente, o govêrno do Estado de São Paulo se propõe a subvencionar total ou parcialmente a passagem marítima, o que contrabalança, até certo ponto, a citada desvantagem. Proibida a entrada na Austrália, discriminados nos Estados Unidos, perseguidos no Canadá e agora limitados também nas Hawaii e Ilhas do Pacífico, os nossos colonos trabalhadores encontrarão no Estado de São Paulo uma rara felicidade e um verdadeiro paraíso".⁷

A ida efetiva dos japoneses ao Brasil era fruto de um plano que tinha surtido efeito. Um plano para atrair imigrantes, mostrando as vantagens em se tornar um deles no Brasil.

A propaganda se dava em forma de panfletos, cartazes, e matéria veiculadas em jornais, com pormenores da vida e do trabalho nos trópicos.



Juntamente ao trabalho das agências de imigração japonesas, as notícias publicadas nos jornais locais foram importantes para o incentivo da imigração.

No periódico japonês *Yomiuri Shimbun*,⁸ há narrativas relatando com detalhes a riqueza da nova terra a ser explorada.

Em 12 de julho de 1896, uma matéria intitulada *O plano de imigração para o Brasil*, pormenorizou as condições do país:

“A República Federativa do Brasil, na América do Sul, é um país grande, mas com poucas pessoas. A população é de somente 12 milhões e 900 mil, e no Japão somos mais de 40 milhões, sendo que o Brasil é 22 vezes maior do que o Japão, e a população japonesa é quatro vezes maior que a brasileira.”

As condições de trabalho, bem como o clima, foram os aspectos relatados com maior ênfase:

“O trabalho do imigrante será em plantações de café. A região é no sudeste do Brasil. A temperatura é de cerca de 23 graus e o clima, quente. O dono da terra dará roupas e alimentação, bem como a habitação. O salário mensal é de 1 pound e ½, que equivale a 12, 13 ienes. Os imigrantes podem ficar no máximo por 5 anos. Depois disso, o contrato poderá ser renovado.”

O detalhamento das condições de trabalho e do país era um quesito importante a ser cumprido pelas agências de recrutamento de trabalhadores. Eram eles os únicos que tinham condições de transmitir tais informações e isso representava um poder inegável nas mãos dos tais agentes.

Em 18 de janeiro de 1908, um artigo intitulado *A Nova Colônia* relatava o que um oficial de imigração havia visto em São Paulo e Rio de Janeiro:

“São Paulo e Rio de Janeiro são bons lugares, com terra boa. O contrato de imigração com o governo brasileiro será muito bom para os japoneses,

*pois será muito lucrativo. Esses lugares têm o clima melhor do que o do Japão. O contrato ainda não foi oficializado, mas se for, representará uma "nova terra" e nós japoneses temos que nos envolver com essa terra, aproveitando essa oportunidade que a situação nos proporciona".*⁸

Em 25 de janeiro de 1908, uma outra reportagem pormenorizava detalhadamente o clima do Brasil. Intitulado *Paraíso do mundo atual*, contém uma entrevista com o presidente da *Companhia Imperial de Imigração*, que insistia na idéia de que imigrar para o Brasil poderia ser um bom negócio para os japoneses.

"Antigamente, as informações que tínhamos sobre o Brasil eram muito ruins. Clima ruim, facilidade de contrair doenças, etc. Pensávamos que se fôssemos ao Brasil, logo ficaríamos doentes por causa do clima. E por causa disso, tínhamos medo. Mas, numa entrevista que um agente de imigração nos concedeu, nos mostra como realmente é o Brasil. De acordo com o presidente da Companhia Imperial de Imigração, Sr. Mizuno: "(...)No interior do Brasil, quase não tem as quatro estações. Como não há mudanças bruscas na temperatura, as frutas e as flores podem florescer sempre. Pode se plantar o ano inteiro! Que paraíso! Realmente pode-se falar que o Brasil é o paraíso do mundo atual. No Brasil, há fartura de warabi⁹. Por causa do clima, eles crescem muito. Os índios não sabem que podem comê-lo e acabam jogando fora. Se você imigrar para o Brasil, pode comer warabi livremente. No Brasil também tem uma variedade de árvores de boa qualidade. Para nós japoneses, árvores de boa qualidade são muito valiosas. Lá no Brasil, com árvores que poderiam estar fazendo casas, fazem cercas para os animais. Que desperdício! Quem sabe mexer com madeira, é

um lugar bom pela quantidade e variedade de árvores”.

Foi nessa atmosfera de incentivo que 791 japoneses embarcaram no Kasato Maru, chegando em terras brasileiras no dia 18 de junho de 1908, depois de 52 dias de viagem.

Logo após a chegada desse grupo (que tem o mérito de ser chamado de pioneiro da imigração japonesa ao Brasil) no dia 7 de julho, o jornal japonês *Yomiuri Shimbun*, anunciou em uma das suas notícias, com grande destaque: “*Os imigrantes japoneses foram muito bem recebidos no Brasil.*”

Mas, o que os japoneses mais temiam, aconteceu: as condições de trabalho estavam muito mais próximas ao inferno do que do paraíso. E como no caso dos Estados Unidos e do Havaí, o fluxo migratório foi também interrompido, agravado ainda mais com a retirada do subsídio de viagem dado pelo governo de São Paulo, em 1920.

Mas, tal situação perdurou por pouco tempo, e por questões de ordem econômica¹⁰, o Japão voltou a promover a imigração para o Brasil, dessa vez, dando mais apoio e suporte aos futuros imigrantes¹¹. O resultado de tal campanha mais uma vez surtiu o efeito desejado, representando um aumento considerável dos índices dos imigrantes japoneses em território brasileiro¹².

Com esse retrato inicial do processo que levou o Brasil a ser destino de milhares de japoneses, é importante frisar o papel da mídia para o sucesso da campanha. As matérias veiculadas pelo jornal aqui referido, visavam criar no público uma simpatia à idéia da imigração, enfatizando os aspectos de uma terra acolhedora, com uma natureza generosa. Tais informações tinham funções importantes de referência e esperança para aqueles que se dispunham a se aventurar num mundo distante e desconhecido.

Japão: um olhar sobre o Brasil, 100 anos depois.

O Japão do século XXI não é mais um país de emigrantes. Hoje, o Japão é o Brasil de 100 anos atrás; é um país que recebe imigrantes das mais variadas nacionalidades, fazendo do país um

espaço multicultural. Somente brasileiros, são mais de 300 mil, constituindo uma das grande comunidades estrangeiras no Japão.

Podemos perceber que a imagem inicial que uma vez o Japão formou sobre o Brasil, foi se transformando. Hoje, o que pensa o Japão sobre o Brasil? Não apenas no Japão, mas mundialmente o Brasil é lembrado por seu futebol mágico e seu carnaval. No Japão, outros ícones entram em cena, como a melódica bossa-nova e o corredor de fórmula 1 Ayrton Senna. O Brasil é representado no Japão muito mais por elementos do distante Brasil do que daquele que está próximo, vivendo na própria sociedade. Considero essa uma das armadilhas do suposto mundo globalizado.

Diante de divagações desse tipo, sempre costumo fazer referência a um episódio transcrito no livro “Identidades” de Zygmunt Bauman, tentando explicar esse difícil processo de integração dos diferentes grupos, que são obrigados a conviverem em uma mesma sociedade:

“Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus Algarismos, romanos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro”¹³.

ANEXOS: Samba-enredo

Escola: Unidos de Vila Maria - São Paulo – Grupo especial

Título: “Irashai-mase, Milênios de Cultura e Sabedoria no
Centenário da Imigração Japonesa”

Eu quero ver brilhar!
Vila Maria vai passar
Irashai-mase a esse povo do oriente
Da Terra do Sol Nascente
Abrem-se os portais
Das tradições, de uma cultura milenar...
Preservam seu jardim oriental e a arte de cultivar
Na religião, celebração e cerimônia do chá
No Ocidente se tornou realidade
A conquista do tratado de amizade
E com a honra de um samurai guerreiro
Cruzou os mares rumo ao solo brasileiro
Pra massa toda aplaudir
A bateria tá aí... Vem ver
E vamos comemorar
O centenário brindar... saquê
Em sua criação, a gentileza tem rosto de mulher
Símbolos da sorte que anunciam devoção e muita fé
O shodô não se apagou!
A arte deu movimento à vida
No plantio do algodão, ô terra boa que se planta dá
Na culinária requinte em nossa mesa
Pratos com toque de beleza
A evolução da tecnologia
Dá asas à imaginação, presente em nosso dia-a-dia
Com a imigração, somos filhos de uma só nação
Arigatô a essa parceria
Brasil, Japão que alegria...

Escola: Unidos de Porto da Pedra
Rio de Janeiro – Grupo especial
Título: “100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil - Tem Pagode
no Maru”

Brasil! Abra o leque ao Japão, são 100 anos de imigração
O show vai começar

De São Gonçalo o meu tigre se transforma em torá
Imperador da cultura milenar
No templo dourado a mãe natureza
Sopra o vento da paz, encontro marcado com a sutileza
Há luz, bambus, bonsais
Gira baiana, oh! mãe do samba
Emana cerejeira em flor
Na grande viagem, fé na bagagem
A esperança navegou
O maru cruzou o mar
Lançado à sorte, o braço forte na lavoura trabalhou
A liberdade cultura viva
Terra querida é luz e cor
O sopro do gênio o fez samurai
Quem foi Manabu? das artes o pai
Quem dobra o papel com as mãos do céu
Faz do origami pedaço de paz
Vai um sushi saborear
Vi um gato no mangá, o gato é sorte
Vem coração oriental
Vem na era digital me dar suporte
Japão, o sol nascente brilha em cada um de nós
Em Asakusa agora explode a minha voz
E a lágrima que cai é de emoção
A verdade que embala o meu coração
É a Porto da Pedra a minha paixão
Aplausos que o show vai terminar Ôô
Me perdoe se eu chorar

Notas

¹ Com esse objetivo, a revista acaba por traçar um “perfil” do brasileiro no Japão, enumerando os hábitos dos brasileiros que aqui vivem. Segundo a revista, *Ser brasileiro no Japão é...*

-alugar um apartamento de 20 metros quadrados e ter uma TV de 42 polegadas na sala;

- saber de cor todas as músicas de Ivete Sangalo;

- dizer que adora samba, feijoada e caipirinha – e adorar mesmo, ainda que no Brasil nunca tenha dado importância a nenhuma das três coisas;

- fazer trocadilhos em português usando expressões japonesas (ex: “gata-gata”, que quer dizer “gasto”, “roto”, produz a seguinte frase: “Quando casei, minha mulher era uma gata. Agora está gata-gata.”)

- fazer churrasco todo fim de semana, chamar os vizinhos e colocar um pagode bem alto (alternado com Ivete Sangalo);

- confundir-se na hora de separar o lixo da reciclagem;

- ter um carrão último modelo da Toyota ou da Mazda (comprado usado);

- detestar fazer taissô (exercício de alongamento feito por operários japoneses nos pátios das fábricas antes do início do expediente;

- Sonhar em voltar um dia para o Brasil.

² No Brasil se fala de “Ano do Centenário da Imigração Japonesa” e no Japão, usam o termo “Ano de Intercâmbio Brasil-Japão”. Uma diferença sutil da nomenclatura pode deixar espaço para reflexões de como o fato - a imigração – é vista pelos dois países.

³ Fatos curiosos também foram noticiados pelos jornais japoneses, como o da modelo e madrinha da bateria da escola de samba Unidos da Porto da Pedra, que fez uma pequena intervenção cirúrgica com a finalidade de dar aos seus olhos um tom orientalizado, vestindo literalmente, a sua fantasia.

⁴ Ver BRODY, Betsy. *Opening the door. Immigration, Ethnicity and Globalization in Japan*. New York, London, Routledge, 2002. pg. 45.

⁵ Outros destinos, como as Filipinas e a Manchúria, também foram regiões para onde os japoneses emigraram, mas não obtiveram muito sucesso. Nas Filipinas, muitos japoneses morreram de doenças ou pelas difíceis condições de vida no país. Na Manchúria, a razão do fracasso da corrente emigratória japonesa foi a invasão do país pela Rússia, na época da 2ª guerra Mundial, quando cerca de 200 mil japoneses morreram. In: BRODY, Betsy. *Op. Cit.* Pg. 46.

⁶ De acordo com a Constituição Brasileira de 1891, os asiáticos eram proibidos de emigrarem para o Brasil.

⁷ HATTENSHI, Niponjin, t.I, p. 253. Apud DEZEM, Rogério. Matizes do “Amarelo”. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo, Humanitas / LEI/ FAPESP, 2005. p. 117.

⁸ Todos os trechos de jornais citados neste artigo foram extraídos do jornal japonês *Yomiuri Shimbun*.

⁹ Uma espécie de broto muito popular na culinária japonesa.

¹⁰ Problemas como o crescimento da população, desemprego e recessão no período pós Primeira Guerra Mundial, e o grande terremoto de Kanto, em 1923, foram elementos catalizadores do retorno da corrente imigratória ao Brasil.

¹¹ Esse suporte era traduzido na forma de : pagamento no transporte dos imigrantes; palestras encorajando a imigração; ajuda na assimilação nos países; orientação antes da partida ao Brasil; comissões. In: BRODY, Betsy. Op.cit. pg. 47.

¹² Somente no ano de 1933, 23.000 japoneses entraram no Brasil, sendo que a média anual anterior era de 8.000. In: BRODY, B. Idem. Ibidem.

¹³ MAMZER, 2002, p.13 apud BAUMAN, 2004. p. 33.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

BRODY, Betsy. *Opening the door. Immigration, Ethnicity and Globalization in Japan*. New York, London, Routledge, 2002.

DEZEM, Rogério. *Matizes do "Amarelo". A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo, Humanitas / LEI/ FAPESP, 2005.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História Cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.